

**AVIFAUNA DA RESERVA NATURAL SALTO MORATO  
(GUARAQUEÇABA, PARANÁ)\***

Fernando Costa Straube<sup>1,2</sup>  
&  
Alberto Urben-Filho<sup>1,3</sup>

\*. Estudo financiado pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN), com apoio parcial da Nuttall Ornithological Club (Cambridge, EUA). 1. *Mülleriana*: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais. Rua Francisco Maravalhas, 171. Jardim das Américas. Curitiba, Paraná, Brasil. Caixa Postal 19093. 81531-980. E-mail: 2. urutau@terra.com.br; 3. neocrex@terra.com.br.

**AVIFAUNA OF THE RESERVA NATURAL SALTO MORATO (GUARAQUEÇABA, PARANÁ - BRAZIL).** Although the septentrional region of the coastal plain of Paraná State - Brazil has been thoroughly visited and studied by researchers from most areas of knowledge, it still lacks biological information that scientifically support its great significance from the stand point of the biodiversity conservation. Area of great diversity of birds, with extensive representation of endemic species of the Atlantic Rainforest biome and of rare or endangered taxa, it used to count on scarce information about its avifaunal composition, hindering any effective management and conservation actions as well as environmental education proposals stemming from them. A field study, carried out at the Salto Morato Reserve (municipal district of Guaraqueçaba, State of Paraná) between the years of 1989 and 2002, revealed the presence of 329 species. This diversity of species grants it an expressive relevance in the macro-area context and even in the Atlantic Rainforest as a whole. From that list, 145 species stand out: 106 for being endemic of the Atlantic Rainforest (broad sense) biome and 39 for being considered "threatened" and, therefore, are warranted the protection specified by the national or state legislation in force. Such characteristics, allied to the great phylar diversity observed within the limits that reserve, serve as unquestionable argument of its biological importance, making it one of the most important conservation units in the state and as well as in the national scenes.

## **INTRODUÇÃO**

Objeto de várias - embora em alguns casos já ultrapassadas - pesquisas geológicas, geomorfológicas, vegetacionais e faunísticas (Bigarella, 1978; Maack, 1981; Straube & Scherer-Neto, 2001), a Floresta Ombrófila Densa paranaense consiste de uma das áreas mais ricas em biodiversidade em todo o Estado do Paraná, importância extensiva a quase todos os outros estados em que ocorre (CI-Brasil, 1996).

Diversos estudos avifaunísticos ali levados a efeito comprovam essa afirmação, contribuindo com uma rica literatura voltada à quase totalidade de suas variações fitofisionômicas (*e.g.* Bornschein & Reinert, 1997; Bornschein *et al.*, 1993; Carrano & Scherer-Neto, 2000; Isfer, 2000; Krul & Moraes, 1993, 1994; Marini *et al.*, 1996; Mestre *et al.*, 2000; Moraes, 1991, 1998; Moraes & Krul, 1995; Pedroso-Junior, 1998,

2001; Reinert *et al.*, 1996; Scherer-Neto, 1982, 1988; Scherer-Neto & Straube, 1989; Scherer-Neto *et al.*, 1995; Straube, 1990, 2003; Straube *et al.*, 1988).

Não obstante os estudos sobre a avifauna como um todo possam ser considerados satisfatórios, há um enorme e lamentável contraste no grau de conhecimento disponível entre certas regiões. Áreas intensamente pesquisadas, por exemplo, contrastam com outras praticamente desconhecidas e mesmo habitats pontuais pouquíssimamente explorados. Amplificando a problemática, pode-se afirmar que diversas pesquisas de longo prazo em algumas áreas mais extensas, não tiveram ainda uma divulgação adequada de seus resultados e muito menos de conclusões aplicáveis à conservação, permanecendo, por ora, quase que inacessíveis, em relatórios institucionais ou veículos de pequena divulgação.

Calcados nesses propósitos e em toda uma série de aspectos ecológicos de grande importância nos mecanismos de regulação do ambiente natural (Anciães & Marini, 2000a, 2000b; Marini, 2000; Albuquerque, 2000; Vielliard, 2000; Anjos, 2001; Develey, 2001; Aleixo, 2001; Pizo 2001), a Mata Atlântica do Paraná merecerá, futuramente, ser objeto de análises muito mais detalhadas. Tais estudos mostram-se não apenas interessantes como fundamentais, haja vista que apesar da grande variedade de fontes documentais disponíveis sobre a sua avifauna (Scherer-Neto & Straube, 1995), essa grande área ainda apresenta sérias lacunas no conhecimento da distribuição e ecologia das espécies.

É de se ressaltar que organizações não-governamentais e oficiais, bem como pesquisadores isoladamente, investigaram ativamente, em especial a partir da década de 80, a avifauna da chamada "Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba". Contudo, pouco contribuíram de maneira efetiva, somando-se para a formação de um panorama que dificulta quaisquer atividades de manejo e conservação da biota devido à escassez de informações.

Nesse sentido, publicações sobre a composição avifaunística (*in totum*) da região da Reserva Natural Salto Morato são inexistentes, havendo disponível na literatura corrente tão somente estudos que contemplam a macro-região como uma das áreas amostrais (Moraes & Krul, 1993, 1995; Bornschein & Reinert, 1997; Moraes, 1998; Anciães, 1998; Anciães & Marini, 1997, 2000; Moraes 2000) ou abordagens centradas em espécies e guildas particulares (Scherer-Neto, 1985, 1988, 1989, 1993a, 1993b, 1993c, 1995; Pinto & Vendel, 1997; Bornschein *et al.*, 1997; Scherer-Neto & Carrano, 1998; Sipinski *et al.*, 2000) ou mesmo etnozoológicas (Straube, 1998, 1999; Andriquetto-Filho *et al.*, 1998).

Trata-se, dessa forma, de panorama profundamente diferenciado daquele observado na porção de floresta ombrófila densa do "litoral-sul" paranaense, cujos esforços de pesquisa resultaram em várias publicações disponíveis, bem como farta e satisfatória documentação por espécimes em acervos de museu (Straube, 1990; Bornschein & Reinert, 1997).

O presente estudo visa contribuir suprir uma pequena lacuna pontual no conhecimento da avifauna dessa região da Mata Atlântica paranaense, servindo-se como ponto de partida para abordagens mais específicas, preferencialmente aplicáveis à conservação da biota regional.

## ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo, denominada "Reserva Natural Salto Morato (RNSM)" (ca. 25°10'S e 48°15'W), de propriedade da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, situa-se no município de Guaraqueçaba (Paraná). Insere-se na região conhecida como "litoral-norte do Paraná", o qual é abrangido em sua quase totalidade pela "Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba" (**Figura 1**).



**Figura 1.** Localização da área de estudo: Reserva Natural Salto Morato.

Constitui-se de um total de 2.340 ha, com relevo predominantemente acidentado, resultado de um intervalo altitudinal médio de 200-400 metros partindo de altitudes inferiores a 100 metros, algumas vezes ultrapassando os 600 metros, até atingir seus extremos, pouco acima dos 930 m s.n.m.

Quanto à paisagem original, situa-se no grande domínio da Mata Atlântica (MMA, 1999), com vegetação de floresta ombrófila densa em suas facies "terras-baixas" até "montana" (Veloso *et al.*, 1991), variando de acordo com a gradação altitudinal.

Acompanhando essa variação, diversos estádios sucessionais são lá verificados, como decorrência do uso e ocupação do solo desde os primórdios da colonização local. Áreas de orografia pouco acidentada foram, antes do estabelecimento da unidade de conservação (início da década de 90), utilizadas para pecuária extensiva de bubalinos, bem como eventualmente para agricultura de subsistência e esparsas edificações para moradia. Vertentes mais íngremes, por sua vez foram exploradas para o extrativismo seletivo e plantações de bananeiras, posteriormente erradicadas.

Alterações biotópicas e biocenóticas fortuitas e pontuais, como decorrência de um turismo não planejado ocorrido no passado (coleta de plantas ornamentais, extrativismo para lenha, caça) completam o quadro de ação antrópica local. Atualmente

há uma pequena área da Reserva abrigando edificações utilizadas na logística (alojamentos, residências, camping); todo o restante da reserva, contudo, constitui-se de vegetação nativa, com uma pequena parte em nítido processo de recomposição.

O clima, seguindo a escala de Koeppen, seria do tipo Af, ou seja, clima tropical superúmido, sem estação seca e isento de geadas, com temperaturas superiores a 22 °C e 18 °C nos meses mais quentes e frios, respectivamente (IAPAR, 1978). Entretanto, a ocorrência de geadas, em alguns casos razoavelmente severas (observação pessoal dos autores), tem forçado a considerá-lo como Cfa, ou seja, subtropical úmido, mesotérmico com verões quentes, geadas pouco frequentes, sem estação seca definida e com tendência de concentração de chuvas nos meses de verão. A média anual da temperatura varia entre 17 e 21 °C, sendo a média de temperaturas máximas de 24-26 °C e das mínimas 13-17 °C. A média da pluviosidade oscila, obedecendo a gradação altitudinal, entre 2.000 e 3000 anuais, tendo no trimestre mais chuvoso (dezembro, janeiro e fevereiro), valores que variam entre 600 e 800 mm e no menos chuvoso (junho, julho, agosto) não ultrapassam os 400 mm (IAPAR, 1978).

Sob o ponto de vista biogeográfico, a área em estudo situa-se na Região Neotropical (Müller, 1973), particularmente na Província Atlântica (correspondente à zona geográfica denominada Mata Atlântica) e na Sub-Província Tupi (Mello-Leitão, 1980). Segundo Cracraft (1985), essa região compreende área de endemismos avifaunísticos, denominada "*Serra do Mar Center*", que abriga vasta extensão do Planalto Meridional Brasileiro, limitada a oeste pelo pelos contrafortes da Serra do Mar e a leste pela linha oceânica. Toda essa região é caracterizada pelo predomínio das Florestas Ombrófila Densa, além de enclaves e ecótonos com os tipos vegetacionais circundantes nas regiões limítrofes e nos vales dos principais rios que drenam a região (IBGE, 1992).

No contexto dos domínios morfoclimáticos descritos por Ab'Saber (1977), finalmente, a região estudada é caracterizada como região planaltina sub-tropical atlântica. Cabe lembrar que, ao longo de sua extensão, a região de domínio da Floresta Atlântica (*sensu stricto*) não é homogênea quanto à sua fauna associada, sendo que, mesmo em áreas contíguas, os conjuntos de espécies podem variar em função das mudanças de fisionomia da paisagem, presença ou proximidades de outros tipos de vegetação, clima, relevo, etc., em grande parte determinados por gradientes altitudinais. Esses fatores são determinantes, então, para que haja diversos padrões de distribuição da fauna, que variam de região para região de acordo com a maior proximidade da formação contígua.

## MÉTODOS

O inventário avifaunístico ora apresentado baseia-se apenas em estudos de campo, durante os quais foram investigados os habitats locais, realizando-se observações *in situ*, com uso de técnicas de campo convencionais para estudos ornitológicos qualitativos: reconhecimento visual com auxílio de binóculos, identificação de vocalizações e busca por vestígios ou evidências de ocorrência.

O esforço de campo foi centrado no interesse de amostrar igualmente os diferentes tipos de variações fitofisionômicas existentes na Reserva, para o qual utilizou-se das trilhas pré-existentes, com destaque para a "Trilha para o Salto Morato" (situada na antiga Fazenda Salto Dourado), "Trilha para a Figueira" (antiga Fazenda Figueira) e "Trilha do Zé Maria" (sede da antiga fazenda anexada à Reserva em 2002).

Em algumas oportunidades, a fim de aferir identificações prévias de campo, espécimes foram capturados por meio de redes-de-neblina e eventualmente coletados, encontrando-se os mesmos depositados no acervo ornitológico do Museu de História Natural Capão da Imbuia (Prefeitura Municipal de Curitiba). Ocasionalmente, para fins documentais, procedeu-se a coleta de manifestações sonoras com uso de gravador MD Sony MZ-R30 e microfone unidirecional Sennheiser ME-66.

O cronograma de campanhas, que somou um esforço amostral de 468 horas de campo (39 dias), foi realizado nos seguintes intervalos de datas: 1989 (maio: 12); 1994 (maio: 20-22, junho: 10-13 e 24-27, julho: 29-31, agosto: 12-15 e 26-29); 1995 (julho: 22); 1997 (fevereiro: 10-11, junho: 1-3); 1999 (setembro: 4-5); 2002 (março: 21-24); 2003 (abril: 26-29). Espécies adicionais, cujos registros foram provenientes de observações não-sistemáticas de outros pesquisadores, foram também incluídas, com a devida remissão de crédito.

A lista de espécies segue o ordenamento sugerido pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2005), disponível em <http://www.ib.usp.br/cbro>.

## **RESULTADOS**

### **A avifauna: riqueza específica**

Foram registradas, na área de estudo, um total de 329 espécies de aves, o que corresponde a pouco mais de 50% do total até o presente verificado em campo no Estado do Paraná (Scherer-Neto & Straube, 1995). Essa riqueza considerável deve-se principalmente à grande diversificação de habitats e micro-habitats, decorrente em especial da representação de quase todas as expressões fitofisionômicas ao longo da graduação altitudinal da floresta ombrófila densa, bem como de parte de outras formações diretamente associadas a ela; as pequenas áreas que se encontram em diversos estádios de regeneração (capoeira a capeirão), completam as variantes fitofisionômicas determinantes dessa riqueza.

Essa grande variação de ambientes e mesmo micro-habitats que define uma gama também rica de padrões de distribuição espacial da avifauna (Stotz *et al.*, 1996, Buzzetti, 2000), deve ser considerada como o principal argumento para a criação de unidades de conservação efetivas e preferencialmente de grande porte na Mata Atlântica paranaense, à figura de várias outras regiões brasileiras (Goerck, 1997, 2001). Associada a isso está a sugestiva concentração de espécies raras ou ameaçadas de extinção presentes nessa região, sem contar com a grande quantidade de endemismos e mesmo de táxons que ali encontram seus limites de distribuição (Tabela 1).

Apesar disso, há que se considerar que estudos continuados dirigidos à avifauna dessa área como um todo, revelarão por certo uma riqueza diferente da ora atingida, especialmente se as regiões de maiores altitudes - ainda pouco estudadas - forem consideradas por inclusão da área já estabelecida da Reserva.

### **A RN Salto Morato e a Mata Atlântica paranaense**

A Mata Atlântica, um ecossistema quase que exclusivamente brasileiro, é um dos ambientes contínuos mais ameaçados pela ação antrópica em todo o mundo (Câmara, 1991). Essa intensa ação destrutiva deveu-se basicamente por um processo

exploratório que repete-se desde o descobrimento do País, adicionado à enorme quantidade e qualidade de recursos naturais potencialmente exploráveis (Sick & Teixeira, 1979). A região compreendida pela assim chamada Mata Atlântica situa-se no domínio morfoclimático atlântico, em áreas de "mares de morros e chapadões florestados" (Ab'Saber, 1977) e corresponde atualmente a uma das porções paranaenses mais preservadas, apesar da severa pressão antrópica à qual se submete, desde os primórdios de sua colonização, já no Século 16.

Apesar de existirem inúmeros instrumentos para a manutenção dessa região peculiar, tais como criação de unidades de conservação e fiscalização intensiva, os ecossistemas originais foram bastante modificados, dando lugar a diversas zonas de atividades agrícolas, principalmente monoculturas, bem como pecuária extensiva, ambas concentradas nas regiões tratadas como "terras baixas".

No tocante a conservação, a criação da Reserva Natural Salto Morato, em 1994, representa um marco na conservação da Mata Atlântica brasileira e particularmente paranaense, haja vista que representa um esforço pioneiro no estabelecimento de áreas protegidas sujeitas à manutenção particular. Associa-se a ela, diversas ações conservacionistas na região, com destaque para o Tombamento da Serra do Mar (1986), a criação do Parque Estadual Pico do Marumbi (1990) e o reconhecimento da floresta atlântica paranaense como Reserva da Biosfera (1993), por intervenção da UNESCO (Savi, 1997).

Não obstante, tais esforços para a conservação, inclusive com propostas educacionais de repressão a atividades cinegéticas e de tráfico, as principais ameaças se intensificaram muito nas últimas décadas, estando em geral relacionadas à supressão de habitats. Dessa forma, a planície litorânea paranaense tem sofrido impactos significativos decorrentes principalmente do loteamento para fins imobiliários. Nota-se descaracterizações da biota regional, destacando-se o desmatamento de florestas de baixada e a drenagem de áreas alagadiças, reduzindo esses ambientes e influenciando diretamente na composição faunística original.

Tendo-se em vista o considerável grau de alteração observado em quase toda a planície litorânea, especialmente nas áreas mais próximas ao oceano, a Reserva Natural Salto Morato representa importante contingente para salvaguardar não apenas paisagens naturais, em parte primárias, mas remanescentes populacionais de inúmeras espécies endêmicas do bioma da Mata Atlântica, de distribuição restrita (Bibby *et al.*, 1992, Goerck, 1997, 2001) e de espécies raras ou ameaçadas de extinção. A relação de riqueza e o intervalo de altitude indica que as áreas de encosta de serra com grandes intervalos concentram a maior riqueza de espécies e que essas áreas devem ser priorizados em ações de conservação (Cordeiro, 2000).

Há que se considerar a importância que deve ser remetida à área recentemente anexada à RNSM, tendo-se em vista que abrange presentemente, também as zonas de maior altitude da floresta atlântica, recebendo, por esse motivo, um efeito potencializador no sentido de conservação.

### **Espécies de interesse conservacionista**

Até o presente, foram constatadas 39 espécies ameaçadas, na RNSM, dentre as protegidas pela legislação federal ou estadual e aquelas consideradas de interesse conservacionista mas não contempladas por nenhum desses instrumentos.

Daquelas que estão incluídas no âmbito nacional (8 espécies), todas - exceto uma - enquadram-se na categoria "vulnerável". Sua grande maioria é formada por

espécies típicas da planície litorânea, ali consideradas por apresentarem registros escassos (*Leucopternis lacernulatus*, *Carpornis melanocephala* e *Phylloscartes kronei*) ou por estarem submetidas a algum tipo particular de pressão humana, seja cinegético (*Crypturellus noctivagus*), seja para captura e comércio ilegal (*Amazona brasiliensis*, *Sporophila frontalis* e *Sporophila falcirostris*). A única espécie que não concorda com essa categoria é *Pipile jacutinga* (considerada "em perigo"), cuja situação populacional, declínio e respostas à pressão antrópica são razoavelmente conhecidos (Collar *et al.*, 1992).

Com relação as espécies protegidas pela lei estadual de espécies ameaçadas (34 espécies) estão presentes, na RNSM, as seguintes categorias: "em perigo (EN)" (5), "vulnerável (VU)" (7), "quase-ameaçada (LR)" (15), "insuficientemente conhecida (DD)" (7), seguindo-se os critérios IUCN adotados por Straube *et al.* (2004). Nessa escala regional há que se ressaltar a presença de espécies com distribuição restrita, cujas populações-fonte encontram-se exatamente na área litorânea meridional do Estado de São Paulo e dali para sul até as baixadas florestadas de Santa Catarina (p.ex. *Amazona brasiliensis* e *Phylloscartes kronei*).

Por fim, assume-se aqui como quase certo que esses números se modifiquem, já que há um rol significativo de espécies potencialmente ocorrentes na RNSM, mas que foram provavelmente subestimadas nos trabalhos de campo, em virtude de sua raridade natural ou pequena detectabilidade (p.ex. *Tigrisoma fasciatum*, *Claravis godefrida*, *Touit melanonotus*, *Dryocopus galeatus*, *Piprites pileata*, *Biatas nigropectus*, *Hemitriccus kaempferi* e *Platyrrinchus leucoryphus*).

### **Espécies endêmicas da Mata Atlântica**

A Mata Atlântica é universalmente reconhecida como um dos biomas mais ricos em espécies endêmicas de aves, aspecto esse que participa freqüentemente de argumentações conservacionistas (Bibby *et al.*, 1992), haja vista a inevitável relação entre espécies de distribuição restrita e muitas vezes confinada a áreas diminutas e a necessidade de proteção dos ambientes ali contidos. Nesse sentido, a riqueza de espécies endêmicas da Mata Atlântica verificadas em uma região em particular, deve ser considerado um aspecto decisivo para o reconhecimento da importância regional dessa área para a conservação no contexto global.

Com base nas informações obtidas, pode-se afirmar que a avifauna da Reserva Natural Salto Morato abriga uma das maiores concentrações de endemismos da Mata Atlântica em toda a área de distribuição deste bioma. Das 329 espécies ali registradas, 106 (32,2 %) podem ser consideradas como tal, consistindo portanto, de quase uma terça parte de toda a avifauna. Adicionalmente, parece evidente a importância dessa unidade de conservação para a manutenção e preservação de espécies: 53,4% dos táxons endêmicos da Mata Atlântica estão ali representadas.

Scott & Brooke (1985) e Goerck (1997, 2001), concluíram que há uma notável relação entre presença de espécies endêmicas da Mata Atlântica e o gradiente altitudinal observado nesse bioma, em decorrência de inúmeras expressões fitofisionômicas que, por sua vez, determinam vários padrões de distribuição.

Nesse sentido, levando-se em consideração as informações ora apresentadas, pode-se estimar grosseiramente que, dos endemismos da Mata Atlântica presentes na área de estudo, 17 espécies (16,0 %) são restritas às terras baixas da planície litorânea, 7 (6,6 %) são privativas de zonas montanhosas e todas as demais são largamente distribuídas nesse bioma, considerando-se apenas o âmbito estadual.

Essas considerações ressaltam a importância da conservação de áreas situadas em menores altitudes para a manutenção da avifauna do bioma, tal como sugerido por vários autores (Straube, 1990; Cordeiro, 1999, 2001). Leva-se em consideração inclusive a pressão antrópica muito mais acentuada em áreas com tais características, as quais coincidem com os locais de maiores concentrações de espécies endêmicas de distribuição restrita (Cordeiro, 2001).

Cordeiro (1999) delimitou o polígono entre 18-26°S e 40-48°W como o principal *hotspot* para a conservação dos Passeriformes endêmicos da Mata Atlântica. A RNSM, apesar de situar-se fora dos limites propostos por esse autor, enquadrar-se-ia em posição quase tangencial, situação essa merecedora de reavaliação, tendo-se em vista a já citada carência de inventários avifaunísticos na macro-região e que, por certo, influenciaram na análise daquele autor.

Adicionalmente, fica explícita a importância da unidade de conservação em apreço também pela presença das características orográficas consideradas prioritárias por Cordeiro (1999) ao definir "as áreas de encosta de serra com grandes intervalos de altitude como concentradoras da maior riqueza de espécies, merecendo por esse motivo a prioridade em ações de conservação".

**AGRADECIMENTOS:** O presente estudo somente foi possível pela participação dos nossos colegas de pesquisa em campo: Marcos R. Bornschein, Marina Anciães e Paulo H.C. Cordeiro; o mesmo se aplica aos demais integrantes das várias equipes de estudos faunísticos e florísticos da região. Gratidão também aos orientadores e amigos que, durante os trabalhos de campo e análises, colaboraram em diversos aspectos: Pedro Scherer-Neto, Dante M. Teixeira, Marcio L. Bittencourt, Sandro Menezes Silva e Dimas Pioli. Contribuíram decisivamente para a lista de espécies, oferecendo críticas e adições: Eduardo Carrano, Pedro Scherer-Neto, Raphael Sobânia, Mauro Guimarães Diniz e Fábio Olmos. Nossos auxiliares de campo também foram valiosos para esse trabalho, merecendo ser citados o Claudiney dos Santos Labes, Lino de Jesus L. de Oliveira, Pedro do Rosário Moraes Filho (todos da FBPN), Sebastião "Tião Caverna" Pereira e José Carlos "Badalo" Mateus (todos do MHNCI). Adicionalmente, nosso muito obrigado aos alunos do curso "Fauna de Vertebrados" (UFPR) pela participação nesses resultados e por terem dividido tantos momentos importantes: Shayana de Jesus, Marco Aurélio da Silva, Kátia Pouey, Fabrícia Koppe, Maria Letícia Casimiro, Manoela Dreyer da Silva, Daniel Isolani, Viviane Deslandes e Marcela R. Bonin. E, claro, ao botânico Paulinho Labiak por ter dividido o registro com a maria-leque. Esse estudo foi parcialmente financiado pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza à qual, em nome de Miguel S. Milano, Adilson Wandenbruck e José Aurélio Caiut, consignamos nossa profunda gratidão. Igualmente expressamos nosso reconhecimento ao esforço de David C. Morimoto pela obtenção de recursos junto à *Nuttall Ornithological Club* (Cambridge, EUA).

## REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, A.N. 1977. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul: primeira Aproximação. *Geomorfologia* 52: 1-21 p.
- Albuquerque, J.L.B. 2000. Avifauna da floresta atlântica do sul do Brasil: conservação atual e perspectivas para o futuro. In: Alves, M.A. dos S. et al. (eds). *A Ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Pp 273-286. Eduerj, Rio de Janeiro.
- Aleixo, A. 2001. Conservação da avifauna da Floresta Atlântica: efeitos da fragmentação e a importância de florestas secundárias. In: Albuquerque, J.L.B. et al. (eds.). *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Unisul, Tubarão.
- Anciães, M. & Marini, M.A. 1997. Assimetria flutuante em Passeriformes da Mata Atlântica. *VII Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P-88, p.93.
- Anciães, M. & Marini, M.A. 2000a. Assimetria flutuante em Passeriformes da Mata Atlântica. In: Alves, M.A. dos S. et al. (eds). *A Ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Pp 187-204. Eduerj, Rio de Janeiro.

- Anciães, M. & Marini, M.A.. 2000b. The effects of fragmentation on the fluctuating asymmetry in passerine birds of Brazilian tropical forests. *Journ.Appl. Ecol.* 37:1013-1028.
- Anciães, M. & Straube, F.C. 1997. A relação entre altitude e latitude na distribuição de *Ilicura militaris* (Pipridae, Passeriformes). *VI Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* p.155.
- Andriguetto-Filho, J.M.; Krüger, A.C. & Lange, M.B.R. 1998. Caça, biodiversidade e gestão ambiental na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. *Biotemas* 11(2):133-156.
- Anjos, L. dos. 2001. Comunidades de aves florestais: implicações na conservação. In: Albuquerque, J.L.B. et al. (eds.). Pp 17-38. *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Unisul, Tubarão.
- Bibby, C.J.; Collar, N.J.; Crosby, M.J.; Heath, M.F.; Imboden, C.; Johnson, T.H.; Long, A.J.; Stattersfield, A.J. & Thirgood, S.J. 1992. *Putting biodiversity on the map: priority areas for global conservation*. ICBP/ Cambridge-UK.
- Bigarella, J.J. 1978. *A Serra do Mar e a porção oriental do Estado do Paraná*. ADEA/Curitiba.
- Bornschein, M.R. & Reinert, B.L. 1997. Acrescido de marinha em Pontal do Paraná: uma área a ser conservada para a manutenção das aves dos campos e banhados do litoral do Paraná, sul do Brasil. *Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Anais*, 2:875-889.
- Bornschein, M.R.; Pichorim, M. & Reinert, B.L. 1994. Possível migração separada por sexos em aves do litoral do Brasil. *XX Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos*, p.114.
- Bornschein, M.R.; Reinert, B.L. & Pichorim, M. 1993. Aves dos campos e banhados do litoral do estado do Paraná. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P26.
- Bornschein, M.R.; Reinert, B.L. & Pichorim, M. 1997. Notas sobre algumas aves novas ou pouco conhecidas no sul do Brasil. *Ararajuba* 5(1):53-59.
- Buzzetti, D.R.C. 2000. Distribuição altitudinal de aves em Angra dos Reis e Parati, sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. In: Alves, M.A. dos S. et al. (eds). Pp 131-148. *A Ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Eduerj, Rio de Janeiro.
- Câmara, I.de G. 1991. *Plano de ação para a Mata Atlântica*. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo.
- Carrano, E. & Scherer-Neto, P. 2000. Avifauna da Ilha Rasa, APA de Guaraqueçaba, Paraná. In: Straube, F.C. et al. (eds.). Pp 275-276. *Ornitologia brasileira no Século XX, incluindo os Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Ornitologia* (Florianópolis, 9 a 14 de julho de 2000). Ed. Popular, Curitiba.
- Comitê Brasileiro de Registros Ornitológico (CBRO). Lista das aves do Brasil. Disponível em [www.ib.usp.br/cbro](http://www.ib.usp.br/cbro). Acessado em 10/02/2005.
- Conservation International do Brasil (CI-BRASIL) 1996. *Workshop "Padrões de distribuição da biodiversidade da Mata Atlântica do sul e sudeste brasileiro"*. Conservation International do Brasil, Campinas.
- Collar, N.J.; Gonzaga, L.P.; Krabbe, N.; Madroño-Nieto, A.; Naranjo, L.G.; Parker III, T.A. e Wege, D.C. 1992. *Threatened birds of the Americas*. ICBP-IUCN, Cambridge-UK.
- Cordeiro, P.H.C. 1999. *Padrões de distribuição geográfica dos Passeriformes endêmicos da Mata Atlântica*. Curso de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre, UFMG, Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado.
- Cordeiro, P.H.C. 2000. Variação geográfica da riqueza de Passeriformes endêmicos da Mata Atlântica. In: F.C.Straube et al. (ed.). Pp 190-191. *Ornitologia brasileira no Século XX*. Editora Popular, Curitiba.
- Cordeiro, P.H.C. 2001. Areografia dos Passeriformes endêmicos da Mata Atlântica. *Ararajuba* 9(2):125-137.
- Cracraft, J. 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South american avifauna: areas of endemism. *Ornit.Monogr.*36:49-84.
- Develey, P.F. 2001. Os bandos mistos de aves nas florestas neotropicais. In: Albuquerque, J.L.B. (eds.). Pp 39-48. *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Unisul, Tubarão.
- Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN). 1995. *Reserva Natural Salto Morato: Plano de manejo*. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, São José dos Pinhais.
- Goerck, J. 1997. Patterns of rarity in the birds of the Atlantic forest region of Brazil. *Conservation Biology* 11:112-118.
- Goerck, J. 2001. Programa de áreas importantes para a conservação das aves (IBAs): uma estratégia global da Birdlife International. In: Albuquerque, J.L.B et al. (eds.). *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Pp 231-238. Unisul, Tubarão.
- Guimarães, L.R. 1945. Sobre alguns ectoparasitos de aves e mamíferos do litoral paranaense. *Arq. Mus. Paran.* 4(7):179-190.
- Instituto Agrônomico do Paraná (IAPAR) 1978. *Cartas climáticas básicas do Estado do Paraná*. IAPAR/Curitiba.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 1992. *Manual técnico da vegetação brasileira*. IBGE/Rio de Janeiro. Série Manuais Técnicos em Geociências nº 01. 92 p.
- Isfer, O. 2000. Composição da avifauna do Parque Estadual do Rio da Onça, Matinhos, Paraná. *In: Straube, F.C. et al. (eds.) Ornitologia brasileira no Século XX*. Pp.373-374. Editora Popular, Curitiba.
- IUCN. 1995. *Red List of Threatened Animals*. Cambridge, Inglaterra. IUCN-The World Conservation Union.
- Krul, R. & Moraes, V.dos S. 1993. Avifauna de manguezais das Baías de Paranaguá e Laranjeiras, Paraná. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P49.
- Krul, R. & Moraes, V.dos S. 1994. Caracterização da avifauna de Pontal do Sul, litoral do Paraná. *IV Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos*, p.37.
- Lange, M.B.R. & Straube, F.C. 1988. *Considerações preliminares sobre a fauna de vertebrados e fitofisionomia da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (Paraná)*. Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental, Curitiba.
- Maack, R. 1981. *Geografia Física do Estado do Paraná*, Livr. José Olympio Ed., Rio de Janeiro.
- Marini, M.A. 2000. Efeitos da fragmentação florestal sobre as aves em Minas Gerais. *In: Alves, M.A. dos S. et al. (eds.) A Ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Pp.41-54. Eduerj, Rio de Janeiro.
- Marini, M.A.; Reinert, B.L.; Bornschein, M.R.; Pinto, J.C. & Pichorim, M. 1996. Ecological correlates of ectoparasitism of Atlantic Forest birds, Brazil. *Ararajuba* 4(2):93-102.
- Mello-Leitão, C.de. 1946. As zonas de fauna da América tropical. *Rev. Bras. Geogr.*8:71-118.
- Mestre, L. A. M. 1998. *Influências de impactos antrópicos sobre as comunidades de aves de manguezais na baía de Paranaguá, Paraná*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Monografia de Bacharelado.
- Mestre, L.A.M.; Moraes, V.dos S. & Krul, R. 2000. Influências dos impactos antrópicos sobre as comunidades de aves de manguezais na Baía de Paranaguá, Paraná. *In: Straube, F.C. et al. (eds.) Ornitologia brasileira no Século XX*. Pp.355-357. Editora Popular, Curitiba.
- Ministério do Meio Ambiente (MMA). 1999. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, Brasília.
- Moraes, V. dos S. 2000. Seleção multifatorial de ambientes insulares costeiros prioritários para a conservação de aves. Straube, F.C. et al. (eds). *Ornitologia brasileira no Século XX*. Pp 404-406. Editora Popular, Curitiba.
- Moraes, V.dos S. & Krul, R. 1993b. Aves associadas a ecossistemas marinhos nos limites paranaenses. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* R40.
- Moraes, V.dos S. & Krul, R. 1993c. Alguns resultados de expedições a ilhas do litoral do Paraná. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* R41.
- Moraes, V.dos S. & Krul, R. 1995b. Aves associadas a ecossistemas de influência marítima no litoral do Paraná. *Arq. Biol. Tecnol.* 38(1):121-134.
- Moraes, V.dos S. 1991. Avifauna da Ilha do Mel, litoral do Paraná. *Arq. Biol.Tecnol.* 34(2):195-205.
- Moraes, V.dos S. 1998. *Biogeografia, estrutura de comunidades e conservação de aves em ilhas do litoral paranaense*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Dissertação (Mestrado).
- Moraes, V.dos S. 1998. Estrutura de comunidades avifaunísticas e a sua relevância ecológica na planície costeira e Serra do Mar paranaenses. *VII Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* O-28, p.119.
- Pedroso-Jr., N.N. 2001. Tipificação da avifauna associada a uma faixa de restinga no litoral paranaense. *In: F.C.Straube ed. Ornitologia sem fronteiras*. pp. 305-306. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Pedroso-Junior, N.N. 1998. Ocupação de microhabitats por aves em uma parcela de restinga. *XXII Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos* 1158, p.294.
- Pinto, E.F. & Vendel, A.L. 1997. Padrão de atividade das garças (Ciconiformes (sic): Ardeidae) da Região da Enseada do Benito, Guaraqueçaba (PR, BR). *XV Encontro Anual de Etologia, Anais*, p. 347.
- Pizo, M.A. 2001. A conservação de aves frugívoras. *In: Albuquerque, J.L.B. et al.. (eds.) Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Pp 49-60. Unisul, Tubarão.
- Reinert, B.L.; Pinto, J.C.; Bornschein, M.R.; Pichorim, M. & Marini, M.A. 1996. Body masses and measurements of birds from Southern Atlantic Forest, Brazil. *Rev. Bras.Zool.* 13(4):815-820
- Savi, M. 1997. Manejo de visitantes para implementação de parques - estudo de caso Parque Estadual Marumbi. *Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Anais* Vol.2:391-403.

- Scherer-Neto, P. & Carrano, E. 1998b. Ocorrência da lavadeira-mascarada *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766) no Estado do Paraná. *Atual.Ornit.* 82:11.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F. 1989. Avifauna. In: IPARDES. *Zoneamento do Litoral Paranaense*. IPARDES/Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, Curitiba.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F.C. 1995. *Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia*. Logos Press, Campo Largo.
- Scherer-Neto, P. 1982. Levantamento ornitológico da Reserva de Guaricana na Serra do Mar. *IX Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos* 155, p. 162.
- Scherer-Neto, P. 1985b. Notas bionômicas sobre *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Psittacidae, Aves). *XII Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos* 540, p. 262.
- Scherer-Neto, P. 1988a. Ornitogeografia da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná. *XV Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos*, p.500.
- Scherer-Neto, P. 1988b. Die Rotschwanz-amazone *Amazona brasiliensis* hat eine unge-wisse Zukunft. *Papageien* 1988 (1):23-26.
- Scherer-Neto, P. 1989. *Contribuição à biologia do papagaio-da-cara-roxa Amazona brasiliensis (Linnaeus, 1758) (Psittacidae, Aves)*. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Zoologia. Dissertação de Mestrado.
- Scherer-Neto, P. 1993a. Aspectos da reprodução do papagaio-da-cara-roxa *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Psittacidae, Aves) na natureza. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P73.
- Scherer-Neto, P. 1993b. Ecologia alimentar do papagaio-da-cara-roxa *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Psittacidae, Aves) na natureza. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P74.
- Scherer-Neto, p. 1993c. Aves da Floresta Atlântica paranaense. *Atual.Ornit.* 51:8.
- Scherer-Neto, P. 1993d. Conservação do papagaio-de-cara-roxa *Amazona brasiliensis*. *Atual.Ornit.* 52:5.
- Scherer-Neto, P. 1995. Recuperação da população do guará (*Eudocimus ruber*) em Guaraqueçaba, Paraná. *Atual. Ornit.* 67:2.
- Scherer-Neto, P.; Antonelli-Filho, R.; Lara, A.; Paccagnella, S.G. & Seger, C. 1990. Alguns registros do gavião-pega-macaco *Spizaetus t.tyrannus* nos estados do Paraná e São Paulo. *VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Anais.* p.36.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. & Bornschein, M.R. 1995. Lista de aves da floresta atlântica e ecossistemas associados no Estado do Paraná. In: Ravazzani, C. *et al. Mata Atlântica*. Pp.105-107. Edibran, Curitiba.
- Sick, H. 1997. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Sipinski, E.A.B.; Cavalheiro, M.de L. & Carrillo, A.C. 2000. Conservação do papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) no Paraná. In: M.S.Milano e V. Theulen orgs. *Anais do II Encontro Brasileiro de Unidades de Conservação*, vol. II: trabalhos técnicos, p. 683-691.
- Straube, F.C. 1989. Notas bionômicas sobre *Conopophaga melanops* (Vieillot, 1818) no Estado do Paraná. *Biotemas* 2(1):91-95.
- Straube, F.C. 1990a. Conservação de aves no litoral-sul do Estado do Paraná (Brasil). *Arq. Biol.Tecnol.* 33(1):159-173.
- Straube, F.C. 1993a. Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná. *Acta Biol. Leopoldensia* 15(1):05-20.
- Straube, F.C. 1995a. Aves ameaçadas de extinção no Estado do Paraná. In M.P.Tossulino *et al.* (eds). *Lista Vermelha dos Animais Ameaçados de Extinção no Estado do Paraná*. Instituto Ambiental do Paraná, Curitiba.
- Straube, F.C.1995b. Avifauna. In: IAP-GTZ, *GIMA: Guia de indicadores e métodos ambientais (Fichas do Meio Biológico)*. Instituto Ambiental do Paraná e Gessellschaft für Technische Zusammenarbeit, Curitiba.
- Straube, F.C. 1996. Dois casos de anormalidade em bicos de beija-flores (Trochilidae, Aves). *Acta Biol.Leopoldensia* 18(1):167-169.
- Straube, F.C. 1998a. Guará: etimologia do vocábulo e participação na origem de alguns topônimos paranaenses. *Atual. Ornit.* 86:5.
- Straube, F.C. 1999. "Guará": origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. *Bol. Inst.Hist. Geogr.Paraná* 50:91-100.
- Straube, F.C. 2003. Avifauna da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (Paraná). *Atual. Ornit.* 113:12. Versão completa, formato pdf, disponível em URL: <http://www.ao.com.br>.
- Straube, F.C.; Aguiar, M.R. & Meijer, A.A.R.DE. 1988. Composição ornitofaunística da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (Serra do Mar, Paraná). *XV Congresso Brasileiro de Zoologia, Resumos*, p.493.

- Straube, F.C. & Bornschein, M.R. 1991a. Novos registros de *Chloroceryle inda* (Linnaeus, 1766) e *Chloroceryle aenea* (Pallas, 1764) para o Estado do Paraná, sul do Brasil (Alcedinidae, Aves). *Acta Biol.Leopoldensia* 13(1):81-84.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. In: F.C.Straube ed. *Ornitologia sem fronteiras*. Pp 43-116. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2001. Análise do conhecimento ornitológico da região noroeste do Paraná e áreas adjacentes. In: Albuquerque, J.L.B *et al.* (eds.). *Ornitologia e conservação: da ciência às estratégias*. Unisul, Tubarão.
- Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. In: S.B.Mikich & R.S.Bérnils. *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná. 764 pp.
- Urben-Filho, A.; Straube, F.C. & Gatto, C.A.F.R. 2001. Primeiro registro de *Chamaeza meruloides* para o Paraná. In: F.C.Straube ed. *Ornitologia sem fronteiras*,. Pp.381-382. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Veloso, H.P.; Rangel-Filho, A.L.R.R. & Lima, J.C.A.1991. *Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, Rio de Janeiro.
- Vielliard, J. 2000. Estado atual das pesquisas em Bioacústica e sua contribuição para o estudo e a proteção das aves no Brasil. In: Alves, M.A. dos S. *et al.* (eds). *A Ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Pp. 273-286. Eduerj, Rio de Janeiro.

**TABELA 1.** Lista de espécies de aves registradas na RPPN Salto Morato (Guaraqueçaba, Paraná). Créditos a registros adicionais de outros pesquisadores, alusivos a espécies não constatadas pelos autores: [1]. Eduardo Carrano; [2]. Pedro Scherer-Neto; [3]. Raphael Sobânia. Asterisco (\*) indica espécie não constatada no interior da Reserva, mas presente nas imediatas adjacências. TC (Tópicos de Conservação): N, protegida pela legislação federal (Instrução Normativa nº 03/2003 de 28/5/2003); E, protegida pela legislação estadual ou de relevante interesse conservacionista no âmbito do Paraná (Straube *et al.*, 2004); En, endêmica da Mata Atlântica (*sensu lato*). Nomes vernáculos seguem Scherer-Neto & Straube (1995) e nomenclatura popular adotada na região.

TÁXON	TC	Nome vernáculo
Ordem Tinamiformes		
Família Tinamidae		
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	En, E	macuco
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)		nambu-guaçu
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	N, E	jaó
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)		nambu-xintã
Ordem Anseriformes		
Família Anatidae		
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)*		pato-do-mato
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)*		ananaí
Ordem Galliformes		
Família Cracidae		
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	En, E	aracuaã
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815		jacu
<i>Pipile jacutinga</i> (Spix, 1825)	En, N,E	jacutinga
Família Odontophoridae		
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	En	uru
Ordem Pelecaniformes		
Família Phalacrocoracidae		
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)*		biguá
Ordem Ciconiiformes		
Família Ardeidae		
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783) *		socó-boi
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)		socó-bruxa
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)		socozinho
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)		garça-vaqueira
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758		garça-branca-grande
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)		maria-faceira
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	E	garça-real
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)		garça-branca-pequena
Ordem Cathartiformes		
Família Cathartidae		
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)		urubu-de-cabeça-vermelha
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)		urubu
Ordem Falconiformes		
Família Accipitridae		
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)		gavião-de-cabeça-cinza

<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)		gavião-tesoura
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)		gavião-peneira
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817) *		gavião-caramujeiro
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)		sovi
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808		gavião-miudinho
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817) [1]	E	gavião-caçador
<i>Leucopternis polionotus</i> (Kaup, 1847)	En, E	gavião-pombo
<i>Leucopternis lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	En, N,E	gavião-pombo-pequeno
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)		gavião-caboclo
<i>Percnohierax leucorrhous</i> (Quoy & Gaim., 1824) [1,2]	E	gavião-de-sobre-branco
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1789)		gavião-carijó
<i>Spizastur melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	E	gavião-pato
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	E	gavião-pega-macaco
Família Falconidae		
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)		carcará
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)		gavião-pinhé
<i>Herpetotheres cachinnans</i> Linnaeus, 1758		acauã
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)		gavião-caburé
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)		gavião-relógio
<i>Falco sparverius</i> (Linnaeus, 1758) [1,2]		quiri-quiri
Ordem Gruiformes		
Família Aramidae		
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)		carão
Família Rallidae		
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	En	saracura-do-mato
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)*		monjolinho-cinzentos
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)*		sanã-carijó
<i>Pardirallus nigricans</i> Vieillot, 1819*		saracura-preta
Ordem Charadriiformes		
Família Jacanidae		
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)*		jaçanã
Família Charadriidae		
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)		quero-quero
Família Scolopacidae		
<i>Gallinago paraguayae</i> (Vieillot, 1816)*		narceja
Ordem Columbiformes		
Família Columbidae		
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)		rolinha
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)		pomba-preta
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)		amargosinha
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855		juriti
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792) [1]		juriti
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)		juriti-do-chão
Ordem Psittaciformes		
Família Psittacidae		

<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)	En	tiriva
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)		tuim
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1789)	En	periquito
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1767)	En	cuiu-cuiu
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)		baitaca
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1766)	En, N,E	papagaio-cara-roxa
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824)	En, E	cunhataí
Ordem Cuculiformes		
Família Cuculidae		
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)		alma-de-gato
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758		anu-preto
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)		anu-branco
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)		saci
<i>Dromococcyx pavoninus</i> (Pelzeln, 1870)		peixe-frito
Ordem Strigiformes		
Família Tytonidae		
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)		suindara
Família Strigidae		
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)		corujinha-sapo
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822) [s.l.]		corujinha-do-mato
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bert.&Bert., 1901)	En	murucututu
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825 [1,2]	En	coruja-listrada
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830) [1]	En	caburé
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)		coruja-buraqueira
<i>Rhinoptynx clamator</i> (Vieillot, 1807)		coruja-orelhuda
<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)* [1]	E	mocho-diabo
Ordem Caprimulgiformes		
Família Nyctibiidae		
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)		urutágua
Família Caprimulgidae		
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)		tuju
<i>Podager nacunda</i> (Vieillot, 1817)		coruçã
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)*		curiango
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)*		curiango-tesoura
<i>Macropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	En	rabo-de-palha
Ordem Apodiformes		
Família Apodidae		
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)		andorinhão-de-coleira
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862		andorinhão
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907		andorinhão
Família Trochilidae		
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	En	cuitelão
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	En	rabo-branco-pequeno
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	En	rabo-branco
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)		beija-flor-tesoura
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	En	beija-flor-de-fuligem

<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)		beija-flor-preto
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)		beija-flor-de-veste-preta
<i>Stephanoxis lalandi</i> (Vieillot, 1818)	En	beija-flor-de-topete
<i>Lophornis chalybeus</i> (Vieillot, 1823)		topetinho
<i>Chlorostilbon aureoventris</i> (D'Orb.& Lafr., 1838)		besourinho
<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)	En	beija-flor-fronte-violeta
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)		beija-flor-papo-branco
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)		beija-flor-ventre-branco
<i>Amazilia fimbriata</i> (Vieillot, 1818)		beija-flor-barriga-branca
<i>Clytolaema rubricauda</i> (Boddaert, 1783)	En	beija-flor-rubi
<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788) [1]		beija-flor-bochecha-azul
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)		estrelinha
Ordem Trogoniformes		
Família Trogonidae		
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766		surucuá-do-litoral
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	En	surucuá-barriga-vermelha
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788		surucuá-barriga-amarela
Ordem Coraciiformes		
Família Alcedinidae		
<i>Ceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)		martim-pescador-grande
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)		martim-pescador-verde
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)		martim-pescador-pequeno
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	E	martim-pescador-da-mata
<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	E	martinho
Família Momotidae		
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	En	juruva
Ordem Piciformes		
Família Bucconidae		
<i>Notharcus swainsoni</i> (Gray, 1846)		capitão-do-mato
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)		joão-barbudo
<i>Nonnula rubecula</i> (Spix, 1824)		macuru
Família Ramphastidae		
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	E	tucano-bico-preto
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	En	tucano-bico-verde
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	En	araçari-poca
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	En	araçari-banana
Família Picidae		
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	En	pica-pau-anão
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)		birro
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)		pica-pau-benedito
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)		pica-pau-carijó
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	E	pica-pau-dourado-pequeno
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1823)	En	pica-pau-dourado
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)		pica-pau-verde-barrado
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)		pica-pau-do-campo
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)		joão-velho
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)		pica-pau-de-banda-branca

<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1819)	En	pica-pau-rei
Ordem Passeriformes		
Família Thamnophilidae		
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	En	chocão-carijó
<i>Batara cinerea</i> (Vieillot, 1819)		matracão
<i>Mackenziaena leachii</i> (Such, 1825)	En	brujara
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	En	borralheira
<i>Thamnophilus caeruleus</i> Vieillot, 1816		choca-da-mata
<i>Thamnophilus ruficapillus</i> Vieillot, 1816		choca-coroa-castanha
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	En	choca-cara-pintada
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)		choca
<i>Myrmotherula gularis</i> (Spix, 1825)	En	choquinha-pintada
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétrières, 1835)	En	choquinha-cinzenta
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temm.1822)		formigueiro
<i>Dryophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	En	trovoada
<i>Dryophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	En	trovoada-da-taquara
<i>Dryophila ochropyga</i> Hellmayr, 1906	En	choquinha-riscada
<i>Dryophila malura</i> (Temminck, 1825)	En	choquinha-da-tranqueira
<i>Dryophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	En	choquinha-escamosa
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	En	choquinha-anã
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	En	papa-toca
<i>Myrmeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868	En	papa-formigas-de-grota
Família Conopophagidae		
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)		chupa-dente
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	En	chaspe
Família Grallariidae		
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)		sorová
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)	En	tovaca-caneluda
Família Rhinocryptidae		
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétrières, 1835)	En, E	macuquinho-pintado
<i>Scytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	En	macuquinho
Família Formicariidae		
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783		pinto-do-mato
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)		tovaca
<i>Chamaeza meruloides</i> (Vigors, 1825)	E	tovaca
Família Scleruridae		
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétrières, 1835)	En	vira-folhas
Família Dendrocolaptidae		
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	En	arapaçu-turdina
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)		arapacú-verde
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	En	arapaçu-grande
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825		arapaçu-garganta-branca
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	En	arapaçu-escamoso-pequeno
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cab.&Hei, 1859)	En	arapaçu-escamoso
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	En	arapaçu-de-bico-torto

Família Furnariidae		
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)		joão-de-barro
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819		joão-teneném
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823		uí-tupi
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856		bentererê
<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	En	arredio-oliváceo
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	En	arredio-coroa-castanha
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)*		curitié-do-banhado
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	En,	trepador-coroado
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafr., 1832)		trepador-da-taquara
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	En	limpa-folhas-coroa-negra
<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis e Heine, 1859	En	limpa-folhas
<i>Philydor rufum</i> (Vieillot, 1818)		limpa-folhas
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	En, E	trepador-de-coleira
<i>Cichocolaptes leucophrus</i> (Jard.&Selb, 1830)	En	trepador-bicudo
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)		barranqueiro
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)		joão-porca
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885	En	trepadorzinho
<i>Xenops minutus</i> (Sparman, 1788)		bico-virado
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821		bico-virado,riscado
Família Tyrannidae		
<i>Mionectes rufiventris</i> (Cabanis, 1846)	En	supi-choca
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846		abre-asas
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	En	mosqueteirinho-cinza
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	En	mosqueteirinho-de-óculos
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	En, E	mosqueteirinho-verde
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)		tororó
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	En	zóio-de-boi
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)	En	piolhinho-verde
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)		piolhinho
<i>Phyllomyias griseocapilla</i> Sclater, 1861	En, E	piolhinho-boné-cinza
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1837)		cucurutado
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)		maria-é-dia
<i>Elaenia obscura</i> (Lafr. & D'Orb., 1837)		tução
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)		tuque
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)		risadinha
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)		alegrinho
<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)		joão-pobre
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)		borboletinha
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis e Oniki, 1992	En, N, E	borboletinha-da-restinga
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	En, E	paulistinha
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)	En	borboletinha-arrebita-rabo
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	En	miudinho
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)		patinho-gritador
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818		patinho
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	En, E	maria-leque
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Müller, 1776)		felipe
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789) [1,2]		papa-moscas-dourado
<i>Myiobius atricaudus</i> Lawrence, 1863		papa-moscas-espoleta
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)		birro
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)		enferrujado
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)		enferrujado-grande

<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)		papa-moscas-cinza
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)		maria-preta-bico-azul
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1819)		siriri-sobrancelhas
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)		viuvinha, pito-de-velha
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)		suiriri-cavaleiro
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)		peitica-bico-curto
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)		bentevizinho
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)		bem-te-vi
<i>Conopias trivirgata</i> (Wied, 1831)		mosqueteiro
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Müller, 1776)		bem-te-vi-rajado
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)		neinei
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)		peitica
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1819		tesourinha
<i>Tyrannus melancholicus</i> (Vieillot, 1819)		siriri
<i>Syristes sibilator</i> (Vieillot, 1818)		papa-moscas-assobiador
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789) [1]		maria-cavaleira
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859		maria-cavaleira
<i>Ramphotrigon megacephala</i> (Swainson, 1836)	E	cabeçudo
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868		capitão-castanho
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	En	capitão-de-saíra
Família Oxyruncidae		
<i>Oxyruncus cristatus</i>		bico-agudo
Família Cotingidae		
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	En	corocochó
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	En, N, E	corocochó-do-litoral
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	En	araponga
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	En, E	sabiá-da-serra
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	E	pavão
Família Pipridae		
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)		dançador-verde
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	En	tangará
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1808)	En	tangarazinho
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)		rendeira
Família Tityridae		
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)		anambezinho-cara-preta
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)		anambezinho-cara-vermelha
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	En	flautim
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)		caneleirinho-verde
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jard. & Selby, 1827)		caneleirinho
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)		caneleirinho-cinzento
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)		caneleiro-de-coroa
Família Vireonidae		
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)		elvira, pitiguari
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)		jiruviara
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	En	verdinho-coroado
Família Corvidae		
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	En	gralha-azul

Família Hirundinidae		
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)		andorinha-asa-branca
<i>Progne tapera</i> (Linnaeus, 1766)		andorinha-do-campo
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)		andorinha-doméstica
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)		andorinha-pequena
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)		andorinha-do-barranco
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758		andorinha-de-bando
Família Troglodytidae		
<i>Thryothorus longirostris</i> Vieillot, 1819		corruiruçu
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823		corruíra
Família Polioptilidae		
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819		chirito-bicudo
Família Turdidae		
<i>Platycichla flavipes</i> (Vieillot, 1818)		sabiá-preta
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818		sabiá-laranjeira
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818		sabiá-parda
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1851		sabiá-poca
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818		sabiá-coleira
Família Coerebidae		
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)		sebinho
Família Thraupidae		
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	En, E	sanhaço-marrom
<i>Orthogonys chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	En	sanhaço-amarelo
<i>Thlypopsis sordida</i> (D'Orb. & Lafr., 1837) [1]		saíra-canário
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (Strickland, 1844)	En	cabecinha-castanha
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)		tié-de-topete
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)		tié-de-bando
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)		tié-galo
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)		tié-preto
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	En	tié-sangue
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)		sahaço
<i>Thraupis cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	En	sanhaço-asa-azul
<i>Thraupis ornata</i> (Sparrman, 1789)	En	sanhaço-azul
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1821)		sanhaço-verde
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temm., 1823)	En	sanhaço-frade
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)		saíra-viúva
<i>Tangara seledon</i> (Müller, 1776)		saíra-sete-cores
<i>Tangara cyanocephala</i> (Müller, 1776)	En	saíra-militar
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	En	saíra-lagarta
<i>Tangara preciosa</i> (Cabanis, 1851)	En	saíra-dourada
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	En	saíra-dourada
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)		saí-andorinha
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	En, E	saí-azul-perna-preta
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)		saí-azul
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)		saíra-tucano
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)		saí-de-babadador
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Wied, 1831)	En	saí-cabeça-enferrujada

<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)		figuinha-rabo-castanho
Família Emberizidae		
<i>Zonotrichia capensis</i> (Müller, 1776)		tito-tico
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	En	cigarra-bambu
<i>Pospiza lateralis</i> (Nordmann, 1835)	En	tico-tico-da-taquara
<i>Sicalis flaveola</i> (Gmelin, 1789)		canário-da-terra
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)		tiziu
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	En, N, E	pichochó
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820) [1,3]	En, N, E	cigarrinha
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758) [1]		bigodinho
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1817)		coleirinha
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	E	curió
<i>Amaurospiza moesta</i> (Hartlaub, 1853)		negrinho-do-mato
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830) [1]		cigarra-fuligem
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1837		tico-tico-bico-preto
Família Cardinalidae		
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	En	bico-de-pimenta
<i>Saltator similis</i> (Laf. & D'Orb., 1837)		trinca-ferro
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	En	trinca-ferro-da-serra
<i>Cyanocompsa brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)		azulão
Família Parulidae		
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)		mariquita
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)		pia-cobra
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Lichtenstein, 1830)		bispo
<i>Basileuterus leucoblepharus</i> (Vieillot, 1817)		pula-pula-flautinha
<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Spix, 1825)		pula-pula-do-rio
Família Icteridae		
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)		guaxo
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)		tecelão
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)		chupim
<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)		polícia-inglesa
Família Fringillidae		
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)		bonito-lindo
<i>Euphonia chalybea</i> Mikan, 1825	En	gaturamo
<i>Euphonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)		gaturamo-rei
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	En	gaturamo-serrador
<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1882)		bandeirinha
Família Passeridae		
<i>Passer domesticus</i> Linnaeus, 1758		pardal